

**O USO DA INTERNET,
O ACESSO AOS GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS
E AOS BENS CULTURAIS
– PARADOXOS DO LETRAMENTO DIGITAL**

Érica Aragão Monteiro (UNIGRANRIO)
erica.aragao.ufrj@gmail.com

Anna Paula Lemos (UNIGRANRIO)
annapaulalemos@gmail.com

RESUMO

O objetivo desta comunicação é pôr em debate os paradoxos do crescente letramento digital, tendo como base Magda Soares e Pierre Levy. É comum vermos hoje o uso de tecnologias a favor dos processos de ensino/aprendizagem, assim como os debates acerca do tema. O constante uso da rede tem ampliado também as possibilidades de letramento e à cibercultura (LÉVY, 2000). No entanto, a questão não é tão simples, e não se limita apenas à possibilidade de acesso, mas à qualidade e funcionalidade deste uso. Para muitos jovens, a leitura digital é mais frequente e comum do que nos meios impressos tradicionais, o que possibilita o ingresso em um mundo cultural muito diversificado. O letramento digital facilita a aproximação com gêneros textuais e literaturas variadas, textos multissemióticos, porém o excesso de informação, textos e velocidade de divulgação de informação apressam muito a busca por leituras e novidades, tornando o processo cognitivo mais acelerado, caótico e muitas vezes a leitura superficial.

Palavras-chave: Internet. Gêneros textuais. Bens culturais. Letramento digital.

1. Introdução

É comum vermos hoje o uso de tecnologias a favor dos processos de ensino-aprendizagem, assim como os debates acerca do tema. Qualquer posicionamento que se tome a favor ou contra o uso das tecnologias para a educação não é capaz de mudar uma realidade que já está instalada no país. Há mais celulares que telefones fixos nas residências das famílias brasileiras. Segundo dados do IBGE chegou a 115,4 milhões o número

ro de pessoas com dez anos ou mais de idade que tem celular para uso pessoal e sete em cada dez brasileiros (69,1%) tem pelo menos um celular, indica a PNAD 2011. Matéria do jornal *O Globo* divulgada em junho de 2014 mostra que metade da população brasileira é usuária de internet (considera-se usuário aquele que acessa a rede pelo menos uma vez por trimestre). Ainda segundo a reportagem “Entre os principais fatores que contribuíram para o marco inédito estão o aumento exponencial no uso de celulares para conexão com a rede e a multiplicação de equipamentos portáteis, como notebooks e tablets”. É o que indica a nona edição da pesquisa TIC Domicílios, divulgada em 26/06/2014 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br).

O aumento no número de usuários, principalmente jovens, amplia o acesso ao conhecimento de bens culturais e gêneros textuais variados. No entanto a questão não é tão simples e não se limita apenas à possibilidade de acesso, mas à qualidade e funcionalidade deste uso, além de como estes textos são lidos e apreendidos por estes jovens.

Podemos considerar que para muitos jovens do meio urbano das classes A, B, C e D a leitura digital é mais frequente e comum do que nos meios impressos tradicionais, o que possibilita o ingresso a um mundo cultural muito diversificado e leituras multissemióticas. Letrar-se não é apenas saber decodificar letras e textos, mas ampliar a capacidade de leitura e escrita, desenvolvendo o processo de comunicação e conhecimento.

Para Soares (2002), diante das complexidades dos suportes de leituras e escritas contemporâneas e das mais variadas formas de interação, existem letramentos e não letramento, então a autora assim o interpreta:

Considerando que letramento designa o estado ou condição em que vivem e interagem indivíduos ou grupos sociais letrados, pode-se supor que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de organização e reorganização desse estado ou condição (SOARES, p. 148)

Esta “nova” forma de interagir e ler é denominada letramento digital e facilita a aproximação com gêneros textuais e literaturas variadas, textos multissemióticos e estilos de leituras mais dinâmicos que podem ajudar no enriquecimento do leitor, ou seja, ampliar as habilidades de leitura e escrita. Porém há um excesso de informação, textos e velocidade de divulgação de informação que aceleram muito a busca por leituras e novidades, tornando o processo cognitivo mais acelerado e caótico. Ou seja, selecionar, sintetizar, organizar e interpretar informações diante dos

²³*Hipertextos* (1999, p. 56) não é um procedimento simples e que se faz na velocidade de um computador. Afinal, encontramos as modalidades de linguagem verbal (oral e escrita) e não-verbal, ou seja a multissemiose, explora um conjunto de signos/linguagens (ROJO, 2009), necessitando de um leitor mais cuidadoso e que saiba relacionar estas linguagens no processo de leitura e interpretação. Levy (1994) no capítulo “A nova relação com o saber” já sinalizava o papel das tecnologias intelectuais como favorecedores de acesso à informação e de novos estilos de raciocínio e construção do conhecimento.

Contemporaneamente vemos que as habilidades de seleção, organização e síntese não são bem desenvolvidas entre os nossos estudantes e leitores. É constante as pesquisas que apontam altos índices de analfabetismo funcional entre alunos que estão concluindo o ensino fundamental e médio. O que se percebe é que o acesso e a “nova relação com o saber” não garante a elaboração apropriada das leituras e a aprendizagem devido à velocidade, fragmentação textual e diversidades de gêneros e informações e falta de reflexão crítica sobre as leituras.

2. *Alguns paradoxos do letramento digital e do mundo da cibercultura*

Discutir-se-á aqui os paradoxos do letramento digital, considerando as leituras livres realizadas na rede e o acesso aos *bens culturais digitais*²⁴. O acesso a estes textos e ao mundo cultural no ciberespaço *condicionam* (LEVY, 1993) os processos cognitivos ou discursivos?

Já não temos mais como fugir das tecnologias da informação e comunicação, então pensar como elas convivem conosco e interferem nos processos de letramento tem se tornado imprescindível na atualidade. Lévy (1993, p. 04) aponta:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho e a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos. Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada.

²³ O conceito de hipertexto será abordado na seção seguinte do artigo, conforme Levy.

²⁴ Refiro-me ao acesso a músicas, livros, filmes, artigos, bibliotecas e outros espaços virtuais ou textos que agreguem pluralidade cultural ao usuário/leitor.

As técnicas sempre existiram dentro das mais variadas sociedades humanas e quando surgem parecem bárbaras para alguns homens, afinal, lidar com o que é estranho ou novo sempre é um processo difícil. Assim foi quando surgiu a escrita, a máquina de escrever, o rádio e o computador. O próprio criador da técnica (o homem) se vê posteriormente sendo desafiado a saber utilizá-la, tendo em vista que a técnica só funciona mediante a interação do homem com o objeto. E saber como utilizá-la é também reinventar a interação e apreensão da técnica nos processos cognitivos, principalmente nos eventos de letramento. Ao utilizarmos um computador para conversar, ler notícias, pesquisar estamos interagindo com os conhecimentos e textos apresentados e também reinventando-os. A rede possibilita uma maior participação na construção dos textos e também a divulgação dos mesmos. Isto torna o conhecimento e o acesso aos bens culturais mais democráticos, no entanto observa-se que esta “democratização” não tem garantido o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

Diante do crescimento de acesso à rede nos grandes centros urbanos, observa-se que os processos de letramento digital convivem com outras formas de leitura e escrita fazendo-as interagirem. A linguagem utilizada na internet, às vezes, é reproduzida no texto em papel e os modos de leitura mais dinâmicos também são desejados e ativados constantemente, daí provém alguns dos paradoxos do letramento digital, o primeiro deles é o paradoxo do tempo. Ele diz respeito à economia temporal que se deseja na sociedade da informação e da tecnologia e que se “vende” ao adquirir um computador ou algum dispositivo que acessa a rede. “Ganhar tempo” na contemporaneidade é essencial para que tenhamos mais tempo disponível, sendo induzidos a produzir e consumir mais. Pensemos consumo e produção não apenas industrial, mas de bens culturais e simbólicos. Ora, se para produzir bem e consumir precisamos de tempo e de dinheiro, então necessitamos nos preparar, capacitar para termos tempo e dinheiro para esta produção e consumo. Para nos capacitar de maneira profunda, precisamos de tempo, acesso à informação e elaboração do conteúdo, recaindo mais uma vez na necessidade de disponibilidade de tempo, ou seja, a ideia de que a rede nos possibilita “ganhar tempo” pode ser uma falácia, já que ela também consome boa parte do tempo que temos disponível e se não soubermos administrá-lo e se permanecermos horas conectados sem ler textos variados e sem apreender aquilo que vemos e lemos, então deixamos de “ganhar tempo” e passamos a uma posição passional e espectral, quase viciante diante da rede.

O que o mundo digital nos oferece é muita informação em pouco tempo, e o que parece que estamos precisando é de sedimentar as informações e transformá-las em conhecimento. Não podemos apenas saber se neste momento foi lançada uma bomba sobre a Palestina, mas porque esta bomba foi lançada, qual o contexto e as implicações sociais dos fatos. Isto a rede e a tecnologia não nos oferecem *à priori*, somente nós mesmos podemos, por desejo próprio, estimulados por outras pessoas ou pelo ambiente acadêmico articular as redes do saber, criar e buscar sentidos críticos para a informação e o conhecimento. Esta capacitação/formação baseada em saber crítico-reflexivo e não somente em informação nos é solicitada no mundo contemporâneo, contudo o que se vê é um grandioso número de pessoas com dificuldades para elaborar seu raciocínio e construir conhecimento e textos à partir do que teve como informação. Nas escolas, constantemente ouve-se falar e as pesquisas também apontam fortes dificuldades dos alunos que estão próximos a concluir o ensino fundamental e médio para interpretar e escreverem textos.

A rede nos possibilita, grosso modo, encurtar o tempo, pois podemos através dela ter acesso a algo distante fisicamente sem precisar nos deslocar, podemos estudar, visitar bibliotecas, ouvir músicas, ler textos que demandariam mais tempo caso precisássemos ir adquiri-los em outros espaços. Mas nesta disponibilidade há um conjunto de textos e informações que mudam a todo instante e estão interligados. Então precisamos, além de ter acesso rápido a estas informações, saber interpretá-las, relacioná-las, sintetizá-las e reelaborá-las. Afinal há uma fragmentação de textos variados que convivem em um mesmo espaço e que se lidos superficialmente tornam-se apenas um conjunto desconexo de informações em nosso cérebro. Além disso, os estímulos às interatividades são muitos, pedindo também um tempo considerável para que possamos atender as demandas de redes sociais, blogs, bate-papos etc. Assim as possibilidades de velocidade e economia de tempo do ciberespaço se tornam relativas e às vezes irrealis, nos provocando à reflexão de como temos administrado o tempo em que ficamos conectados, e como dedicamos tempo ao que realmente nos enriquecerá culturalmente ou gerará aprendizagens.

Alguns usuários não “administram” o tempo no ciberespaço vivendo a interação social no mundo virtual e realizando suas aprendizagens mais na rede que na própria vida “real”. Não é que a interação e a interatividade no ciberespaço sejam ruins, mas interagir preferencialmente pelo ciberespaço muda as relações e as aprendizagens, o que deve ser

pensado cuidadosamente. Castells (1999) já colocou a relação de dependência e necessidade no uso das tecnologias ainda quando estas não eram tão democratizadas como atualmente.

Conforme assinala Freire (1980), a interação homem-máquina deve ser ponderada:

A técnica traz e provoca, em si mesma e nos usuários, ações e reações diferenciadas em face dos estímulos do desenvolvimento técnico e científico. Essa virtualidade tem a ver com a incompletude humana, gerando a recorrente busca de atualização.

O outro paradoxo que se apresenta é o do espaço. Este se refere aos locais em que ocupamos fisicamente ou socialmente e agora no ciberespaço. Na rede, temos possibilidades de ir virtualmente a outros países, museus, centros culturais, enfim, temos a possibilidade de deslocamento sem nos deslocarmos fisicamente apenas estimulados pelas imagens e textos multissemióticos. Há aí o que Levy denomina *conhecimento por simulação*, ou seja, o homem conhece o simulacro não a coisa em si. Há dois lados nesta questão, um é, mais uma vez, o da democratização aos bens culturais e saberes o outro é sobre a nítida diferença que há entre estar fisicamente em um lugar e estar virtualmente. Por exemplo, podemos pensar que aqueles que já estiveram no museu da língua portuguesa em São Paulo podem revisitá-lo e elaborar melhor o conhecimento sobre aquele local, aliando a experiência da visita física com a da virtual, já aqueles que nunca tiveram fisicamente terão uma experiência e um saber não concretizado, um saber apenas teórico-informativo, no entanto terão o acesso por outra forma de saber, o virtual/digital. Isto já nos encaminha para o outro paradoxo, o do conhecer. O que realmente conhecemos daquilo que temos como informação, o que conhecemos e percebemos daquilo que lemos? No ciberespaço os textos tornam-se hipertextos. O hipertexto nos leva a um amplo conjunto de informações que se apresentam em redes. Segundo Lévy ele é (1999, p. 56), “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Este movimento que há nos hipertextos podem contribuir para uma relação entre os conhecimentos, mas pode também contribuir para uma dispersão de informações e excessos que a mente não processa dentro do curto tempo-espaço que se tem para ler e elaborar estes textos.

Para aprofundar esta reflexão podemos pensar em outro fator que influencia o saber em rede: a educação, ou seja, a forma como somos educados e estimulados para buscar informações e transformá-las em sa-

beres perpetrará em nossa capacidade cognitiva de usar o ciberespaço para construir um patrimônio do saber e do exercício da cidadania.

3. *O papel da escola no letramento digital e a interpretação e apreensão dos textos multissemióticos*

A escola tem o dever legal de oferecer aos seus alunos um ensino coerente com seu contexto social, cultural e econômico e com as mudanças do mundo contemporâneo. O PCN (2000, p. 6) coloca algumas competências que devem ser desenvolvidas na área de linguagens, dentre elas, cita-se: “Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação”. Além desta, o PCN (2000, p. 12) aponta ainda que se deve: “Entender o impacto das tecnologias da comunicação e da informação na sua vida, nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social”.

Para que se possa compreender o impacto das tecnologias e usar os sistemas simbólicos de diferentes linguagens é preciso o acesso aos gêneros textuais variados e ao letramento digital, sendo assim provocada a capacidade de ler e interpretar estes textos de maneira complexa e não apenas superficial. O que se pretende dizer com “maneira complexa” é que se deve ensinar e provocar a leitura além do que se vê, ou seja, deve provocar a leitura nas entrelinhas e não somente dos aspectos linguísticos/gramaticais do texto. O texto da internet é dinâmico, multissequencial e impregnado de sentidos extralinguísticos, pois vêm acompanhados de cores, formas, sons e movimentos que também nos emitem informações, sejam elas implícitas ou explícitas. Os educandos precisam ser provocados a compreender as linguagens multissemióticas destes textos, ou seja, todas as informações que contêm além da linguística. Precisa-se refinar o olhar para o conceito de texto e de leitura e usar tais tecnologias e linguagens a favor da educação. Os alunos precisam entender a rede não somente como um meio informal de adquirir conhecimento ou um lugar para o lazer e interatividade, mas como um ambiente formal em que se pode adquirir conhecimentos e saberes.

Para Marcuschi (2005), os textos que circulam na rede são gêneros digitais. Diante do complexo e grande mundo dos gêneros digitais coloca-se um desafio para os leitores e educadores: Quais são os sentidos que estes textos têm? Como este tipo de leitura interfere nos processos de

letramento? Quais estratégias de leituras são mais adequadas para a apreensão de sentidos destes textos? Muitas destas perguntas ainda não podem ser respondidas ou não tem respostas únicas, mas devem ser pensadas como uma questão que a Escola contemporânea deve considerar.

Durante décadas a Escola se centrou no ensino de língua (leitura e escrita) grafocêntrica, ou seja, preocupava-se em desenvolver habilidades e competências relacionadas à leitura e escrita grafada preferencialmente no papel. Hoje a escola precisa, cada vez mais, perceber que para dar conta dos processos de letramento deve abordar e estimular o letramento digital de forma consciente.

As leituras e informações adquiridas no mundo virtual devem ser parte da aula dos professores de língua portuguesa e até de outras disciplinas, contribuindo para a rede de conhecimentos em vários gêneros e suportes. Soares (2003) já abordava a reflexão sobre o letramento como um processo muito maior que alfabetizar, colocando que letrar é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que tenha sentido e faça parte da vida das pessoas. Os jovens, principalmente, estão paulatinamente adquirindo conhecimentos pelo mundo virtual. As políticas públicas e as Escolas devem então acolher este processo do letramento digital e não repudiá-lo, e isto deve ser considerado de forma crítico-reflexiva para que não recaiamos nos paradoxos do letramento digital. A questão da leitura e o acesso aos gêneros textuais e bens culturais digitais são complexos, tendo em vista que cada usuário será influenciado pelo seu contexto sócio-cultural-econômico para buscar na rede o mundo de possibilidades de saberes multiculturais que existem. Um jovem da baixa-renda tende a buscar na rede aquilo que ele ouve e vê em seu ambiente, adquirindo e reproduzindo mais uma vez a cultura de massa, no entanto, se este mesmo jovem tiver o estímulo da Escola, poderá tornar-se um leitor-pesquisador através o mundo digital, ampliando suas possibilidades de conhecimento. Poderá ainda aprender a lidar com este novo saber, estimulando um olhar crítico, organizado e interpretante da realidade virtual e dos bens culturais dispostos na rede.

A memória capta e retém os estímulos visuais com muita intensidade, assim os hipertextos são, se lidos e apreendidos com cuidado, uma maneira de estimular e facilitar a aprendizagem, segundo Levy (1993, p 24):

A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais. Lembremos que o domínio de uma área qualquer do saber im-

plica, quase sempre, a posse de uma rica representação esquemática. Os hipertextos podem propor vias de acesso e instrumentos de orientação em um domínio do conhecimento sob a forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos. Em um contexto de formação, os hipertextos deveriam portanto favorecer, de várias maneiras, um domínio mais rápido e mais fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso habitual.

Para que o letramento digital seja, não apenas um tema em debate mais também, uma realidade da maioria dos processos de ensino-aprendizagem e conseqüentemente um processo internalizado pela cultura de forma construtiva, é preciso não só que se democratize o acesso, mas principalmente se capacite professores e profissionais da educação para saber lidar com todas estas questões, usufruindo da rede e das possibilidades de enriquecimento e diversidade cultural e de conhecimentos.

Além disso, há outra problemática bastante debatida por estudiosos da área de ciências humanas que são as interseções da escrita e leitura digital com a escrita do papel. Segundo Soares (2002) “O espaço da escrita relaciona-se também com os gêneros e usos da escrita, condicionando as práticas de leitura e de escrita” (p. 149). Assim, a escrita no ciberespaço é condicionada por fatores como espaço/tempo, sendo ela mais breve e uma linguagem específica que visa a velocidade e o encurtamento da informação. Isto também certamente reflete-se na escrita no papel e nas leituras e estratégias utilizadas pelos leitores. Estas simplificações e abreviações não são as responsáveis pelo analfabetismo funcional ou pelas dificuldades e pouco conhecimento linguístico, mas devem ser usadas com bom senso e no contexto de ambientes virtuais. Afinal, cada contexto tem seu espaço, em cada espaço há um contexto e deve-se sempre considerar esta relação. São estas questões também imprescindíveis para serem abordadas no processo de letramento e ensino-aprendizagem, fazendo os alunos pensarem a língua como um instrumento de comunicação vasto que guia a um mundo de cultura e informação infinito.

4. Considerações finais

Este artigo abordou três paradoxos do letramento digital, o paradoxo do tempo, do espaço e do conhecimento, colocando-os como fatores que condicionam os processos cognitivos e discursivos. Apontou as possibilidades que o ciberespaço nos coloca para enriquecimento cultural, busca pelo saber e seu importante papel nos processos de letramento. Colocou a necessidade de acolhimento e valorização do letramento digi-

tal de forma crítico-reflexiva, assinalando a Escola como a principal responsável por este processo. Pôs em debate ainda a questões sobre leitura e apreensão dos textos multissemióticos na rede, sem, contudo dar um caminho para esta questão, apontando os “atrativos” que há nos hipertextos e como eles estimulam ou não os processos discursivos, cognitivos e de apreensão e reflexão crítica sobre as informações e o conhecimento.

Finalizamos então apontando para o nosso papel como educadores. Devemos estimular a busca pelas informações e o uso da internet de forma consciente, colaborando para transformá-las em saberes, o que perpetrará em nossa capacidade cognitiva de usar o ciberespaço para construir um patrimônio do saber e do exercício da cidadania, porém a educação para a cibercultura ainda é uma experiência muito nova no Brasil, estamos nos alfabetizando quanto a esta nova maneira de lidar com o conhecimento. Desta forma, a Escola tem um papel fundamental neste processo e para a ampliação do letramento digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.

JANSEN, Thiago. Número de internautas no Brasil alcança percentual inédito, mas acesso ainda é concentrado. *O Globo*, 26/06/2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/numero-de-internautas-no-brasil-alcanca-percentual-inedito-mas-acesso-ainda-concentrado-13027120>>. Acesso em: 18-07-2014.

LEAL, Luciana Nunes. Sete de cada dez brasileiros têm telefone celular, diz IBGE. *O Estado de São Paulo*, 17 de maio de 2013. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,sete-em-cada-dez-brasileiros-tem-telefone-celular-diz-ibge-imp-,1032588>>. Acesso em: 16-07-2014.

LÉVY, P. *As tecnologias a inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: Definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R. M.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. In: _____. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contextos, 2003

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Revista Educação Sociedade*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 16-07-2014.